

## 17. A grande escolha da manhã

A grande revolução, a que permite a todos nós levantar de modo correto cada manhã, é precisamente o anúncio do Prólogo do Evangelho de São João: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). A partir daquele instante, toda realidade humana e cotidiana não é mais a cena de nosso “a fazer” ou do nosso possuir, mas o lugar em que o Verbo quer habitar e viver uma familiaridade conosco, com nosso coração, e o lugar em que viver junto aos outros esta familiaridade com Deus que é a plenitude de toda vida.

Assim, quando estamos para levantar pela manhã, devemos fazer este teste, interpelar nossa liberdade, nosso coração. Levanto-me para enfrentar a realidade como um “a fazer” ou para viver a familiaridade com Cristo em todas as circunstâncias, em todo encontro, em todo instante, em todas as atitudes? Levanto-me para *fazer* ou *encontrar*?

A perspectiva da familiaridade com Cristo dá à manhã a alegria do início. A manhã é verdadeiramente a manhã, uma nova aurora. Mas, se, ao contrário, enfrento o dia com a pretensão do “a fazer” interposta entre mim e a realidade, a primeira coisa em que penso é o que conseguirei esta tarde, que conseguirei fazer, obter, ganhar deste dia. É como se em vez de levantar à aurora, levantássemos ao por do sol, quando cai a noite, tristes e desiludidos ainda antes de começar o dia, porque, na verdade, nada começamos.

São Bento tinha uma forte consciência da importância do despertar matinal. Dedica um capítulo da Regra ao sono dos monges, onde descreve como devem ser o dormitório, os leitos e sua disposição. Vários detalhes permitem compreender que o sono não é um fim em si mesmo, mas está a serviço do despertar. Uma candeia deve sempre permanecer acesa durante a noite; os irmãos devem dormir vestidos, mas sem as facas na cintura para não ferir-se durante o sono. Tudo está disposto “para que estejam sempre prontos” para dirigir-se sem demora ao *Opus Dei*, à Obra de Deus, isto é, o Ofício Divino (cf. RB 22,6).

Os monges são assim ensinados a levantar-se e iniciar o dia não por aquilo que devem fazer, mas pela Obra de Deus, isto é, por aquilo que faz Deus. Por certo, nós mesmos devemos nos entregar à oração, somos nós que recitamos e cantamos os Salmos, as leituras etc., mas São Bento nos lembra que Deus nos ama por primeiro, que é Ele que vem ao encontro do homem, que Ele se fez homem para permitir que nos encontrássemos com Ele. O encontro com Deus de toda prece é um encontro marcado em que Deus chegou primeiro, é um tempo em que Deus nos acolhe, em que Deus nos espera. Penso que teríamos muito menos dificuldade em conceder tempo a Deus se tivéssemos a consciência mais viva de que aquele tempo, na verdade, é Deus que no-lo dá, de que aquele encontro foi preparado por Ele. “Tudo está preparado”, diz o rei da parábola dos convidados às núpcias de seu filho que se recusam a ir com diversas desculpas (cf. Mt 22,1-10). Deviam apenas vir, sentar-se e comer, e festejar, participando da alegria do rei e de seu filho. Não comparecem, como se diz, porque “têm outras coisas para fazer”. Mas também Deus teria outras coisas a fazer em lugar de agir por nós e conosco, dar-nos seu tempo eterno, doar-nos sua presença, escutar nossas orações, abrir para nós sua casa para estar conosco, para viver sua familiaridade divina conosco.

A frescura da manhã, a beleza de poder começar com admiração um novo dia, não as educamos em nós com um esforço da vontade, mas tomando de imediato consciência de que nossa tarefa cotidiana não é o que devemos nós fazer, mas sim deixar que o Senhor realize sua obra. É uma grande conversão para nós passar do valor que damos nós às

coisas e ao tempo para o valor que dá Deus, que é Deus. O que vale verdadeiramente em nossa vida não é o que nós fazemos, mas o que Deus faz. E o que fazemos tem valor se o executamos dentro de uma obediência, isto é, fazendo-nos instrumentos de Deus, da obra de Deus.

Tudo isto, São Bento quer esteja em nossa mente desde a manhã, desde o despertar matutino, ou antes, noturno. E quer que, em comunidade, nos ajudemos uns aos outros nisso. Não é desprovido de beleza o modo como a Regra descreve o despertar e o levantar da comunidade para ir às Vigílias: “Dado o sinal, levantem-se todos sem demora, apressem-se mutuamente e antecipem-se no Ofício Divino, porém com toda gravidade e modéstia. (...) Levantando-se pois para o Ofício Divino chamem-se mutuamente com moderação, para que não tenham desculpas os sonolentos.” (RB 22,6.8)

São Bento não desconsidera nada de nossa humanidade e sabe que é difícil levantar rapidamente pela manhã, que despertar não é sempre fácil, e que frequentemente falta a vontade de enfrentar o peso do dia. Então, como para muitos outros aspectos da vida cristã e monástica, pede que a comunidade nos ajude a consentir, a dizer sim à novidade de um novo dia, a testemunhar a quem o esquece ou a quem não o experimentou ainda, que vale a pena ficar à disposição do convite de Deus, que vale a pena empenhar a vida naquilo que Deus faz mais do que naquilo que pensamos que devemos fazer, o que talvez se reduza a dormir, a nada fazer por preguiça ou por medo da vida.

Há muita delicadeza nestes conselhos de São Bento, uma ternura viril, cheia de benevolência, dir-se-ia mesmo quase de humor. Não é o despertar desagradável e violento que se dá nas casernas ou nas prisões. É como se Bento quisesse que cada um se levantasse livremente, que não o fizesse apenas por obrigação, por dever, mas de boa vontade, apesar da dificuldade. Bento quer sempre fazer crescer a liberdade das pessoas, porque se não se vai ao encontro com Deus com liberdade, se não se consente com liberdade no que deseja realizar em nós e através de nós, até o encontro com Ele permanece estéril. Mas Bento sabe que frequentemente a liberdade desperta em nós mais tarde que o corpo ou os pensamentos. Então, se queremos progredir, é importante ter confiança em quem é mais maduro na experiência positiva a que somos convidados. Depois compreenderemos.

Pessoalmente, quando me levanto para a oração, não tenho sempre vontade de rezar, mas sei por experiência que é durante a oração que me vem a vontade, que da própria oração vem o gosto de rezar, ou, ao menos, experimentamos que temos necessidade dela, que Deus nos dá e realiza em nós alguma coisa de bom para o dia que começa, para a vida, e para os outros, algo de muito mais precioso que dormir uma hora mais.

A exortação recíproca a estar presentes ao Ofício Divino que São Bento pede à comunidade, faz-me pensar em uma exortação que o santo Cura d’Ars dirigia a sua alma, como que para despertá-la para rezar e agir com Deus:

“Vamos, minha alma, conversarás com o bom Deus, trabalharás com Ele, caminharás com Ele, combaterás com Ele e sofrerás com Ele. Trabalharás, mas Ele bendirá teu trabalho, caminharás, mas bendirá teus passos; sofrerás, mas bendirá tuas lágrimas. Quanto é grande, quanto é nobre, quanto é consolador fazer tudo na companhia e sob o olhar do bom Deus, pensar que Ele vê tudo, que tudo tem em consideração!”